O lugar da Vigilancia Socioassistencial no cotidiano do trabalho social no SUAS

2º ENCONTRO REGIONAL DE VIGILÂNCIA SOCIOASSISTENCIAL DO ALTO TIETÊ 18/09/2018

DIRCE KOGA – PESQUISADORA CNPQ

De que lugar se fala ...

Do ano 2000 pra frente

Homens do passado pensando no futuro, vivendo no presente

Há três tipos de gente

Os que imaginam o que acontece

Os que não sabem o que acontece

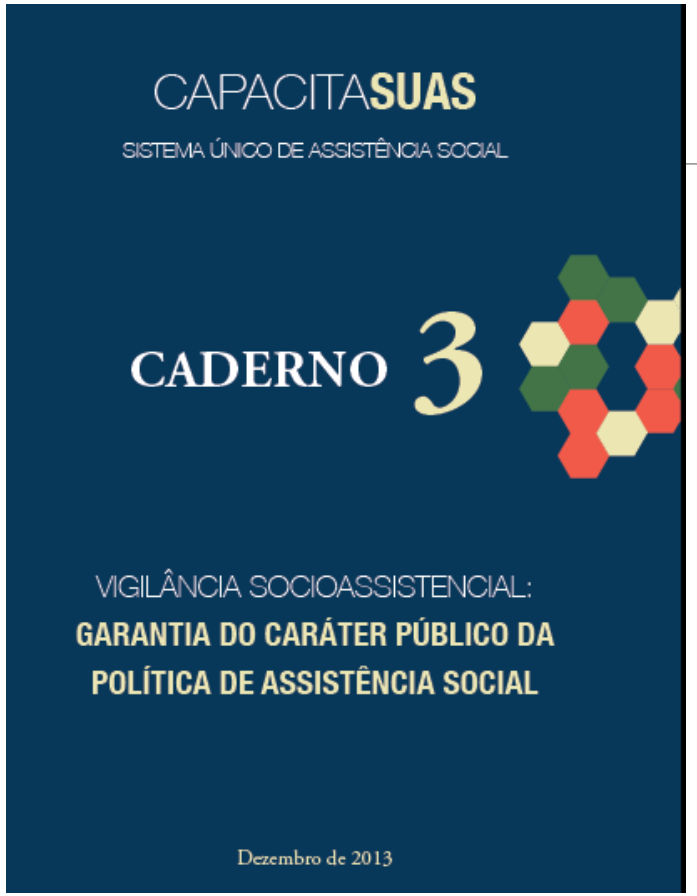
E nós que faz acontecer

O bolo, guacê

Unidos a gente fica em pé

Dividido a gente cai

Sabotage (1973-2003)



Tradicionalmente, no campo da assistência social tem prevalecido o tratamento fragmentado e desconectado, tanto em relação aos beneficiários/usuários, bem como às respostas às suas demandas, gerando também informações desarticuladas, isoladas, caso a caso, família por família, convenio por convenio. Esta herança fragmentadora da gestão se coloca como um entrave na efetivação de uma função de Vigilância Socioassistencial, na perspectiva de um Sistema Único de Assistência Social.

Assim, só é possível constituir uma Vigilância Socioassistencial, que se assente na visão de totalidade: sobre o que é, e o que acontece no cotidiano da gestão da assistência social, a partir dos territórios de vivencia dos usuários e beneficiários com seus múltiplos agentes, das equipes de ponta com suas múltiplas ações, das organizações socioassistenciais parceiras e suas múltiplas ramificações.

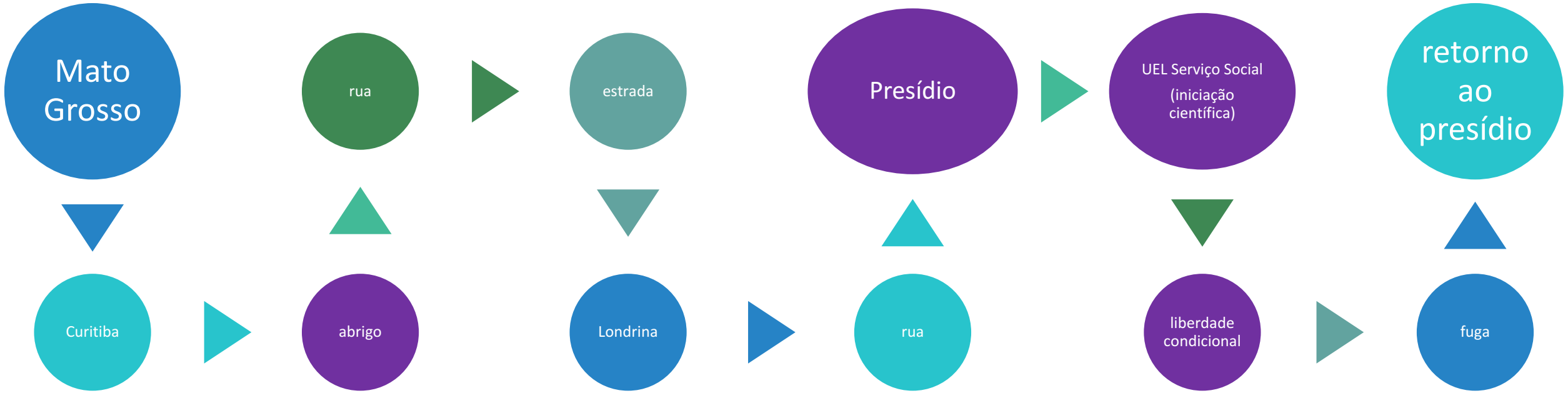
Trajetórias de resistência em Londrina - PR

União da Vitória – Londrina - PR

Ao ganhar força e conquistar o espaço, as famílias começam a se assentar no local, porem com uma dificuldade que foi superada através de muita luta e resistência. Inicialmente o assentamento sofria com a falta de condições básicas para uma moradia adequada, como a falta de agua que segundo alguns moradores durava apenas três dias até chegar novamente, e também a existências de mais de cem crianças dentro do assentamento, que viviam em condições insalubres e inadequadas, estando vulneráveis de doenças, contaminações e violência. Sobre essa forma, o bairro foi crescendo e se estruturando através da resistência dos moradores que em nenhum momento deixaram a luta de lado.

(Relatório de Iniciação Científica – UEL, 2016)

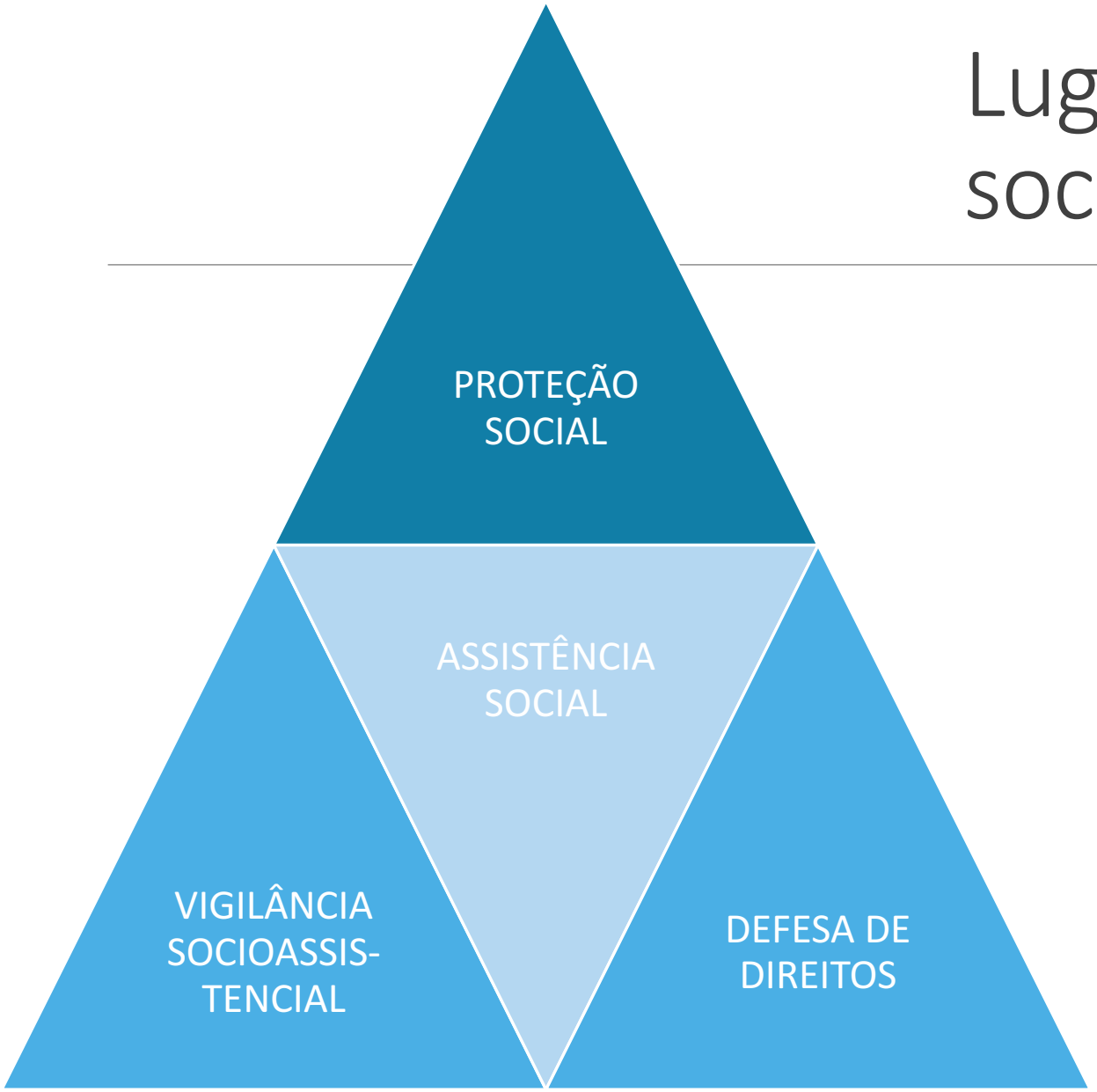
HISTÓRIA DE UM ALUNO DE SERVIÇO SOCIAL



Vigilancia Socioassistencial

CONCEITOS, SENTIDOS, REFERENCIAS EM CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO

Lugar da vigilancia socioassistencial no SUAS



O lugar do território na Vigilância Socioassistencial
(NOB SUAS 2012 Art. 87)

A Vigilância Socioassistencial é caracterizada como uma das **funções** da política de assistência social e deve ser realizada por intermédio da produção, sistematização, análise e disseminação de informações territorializadas, e trata:

- I – das situações de vulnerabilidade e risco que incidem sobre famílias e indivíduos e dos eventos de violação de direitos em determinados territórios;
- II – do tipo, volume e padrões de qualidade dos serviços ofertados pela rede socioassistencial.

VIGILÂNCIA SOCIOASSISTENCIAL: sinônimos, confusões e sobreposições

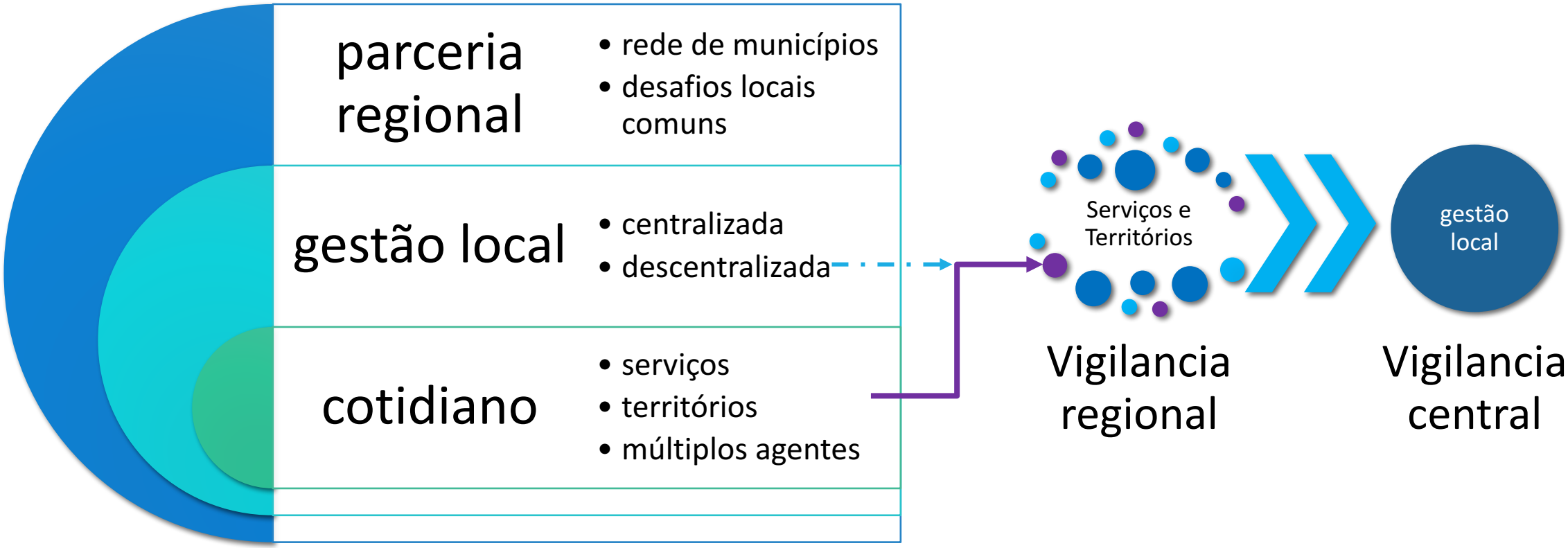
NÃO SER CONFUNDIDA COMO SINONIMO DE:

- Ferramenta ou sistema
- Setor ou departamento de monitoramento e avaliação

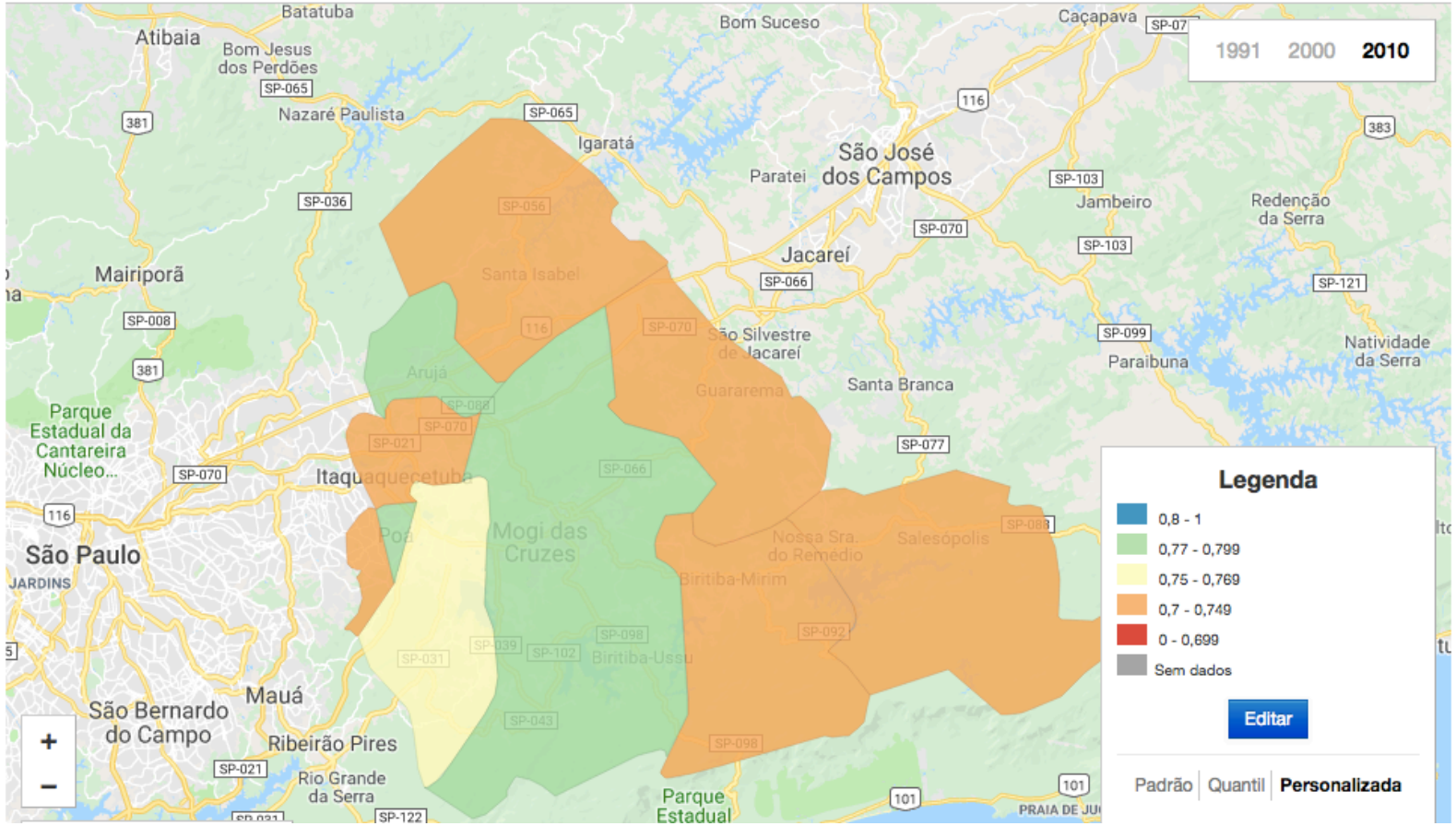
O QUE É

- Um dos 3 grandes objetivos da Política de Assistência Social
- Uma função específica na gestão do SUAS

Novos lugares da Vigilancia Socioassistencial – desafios da escala metropolitana



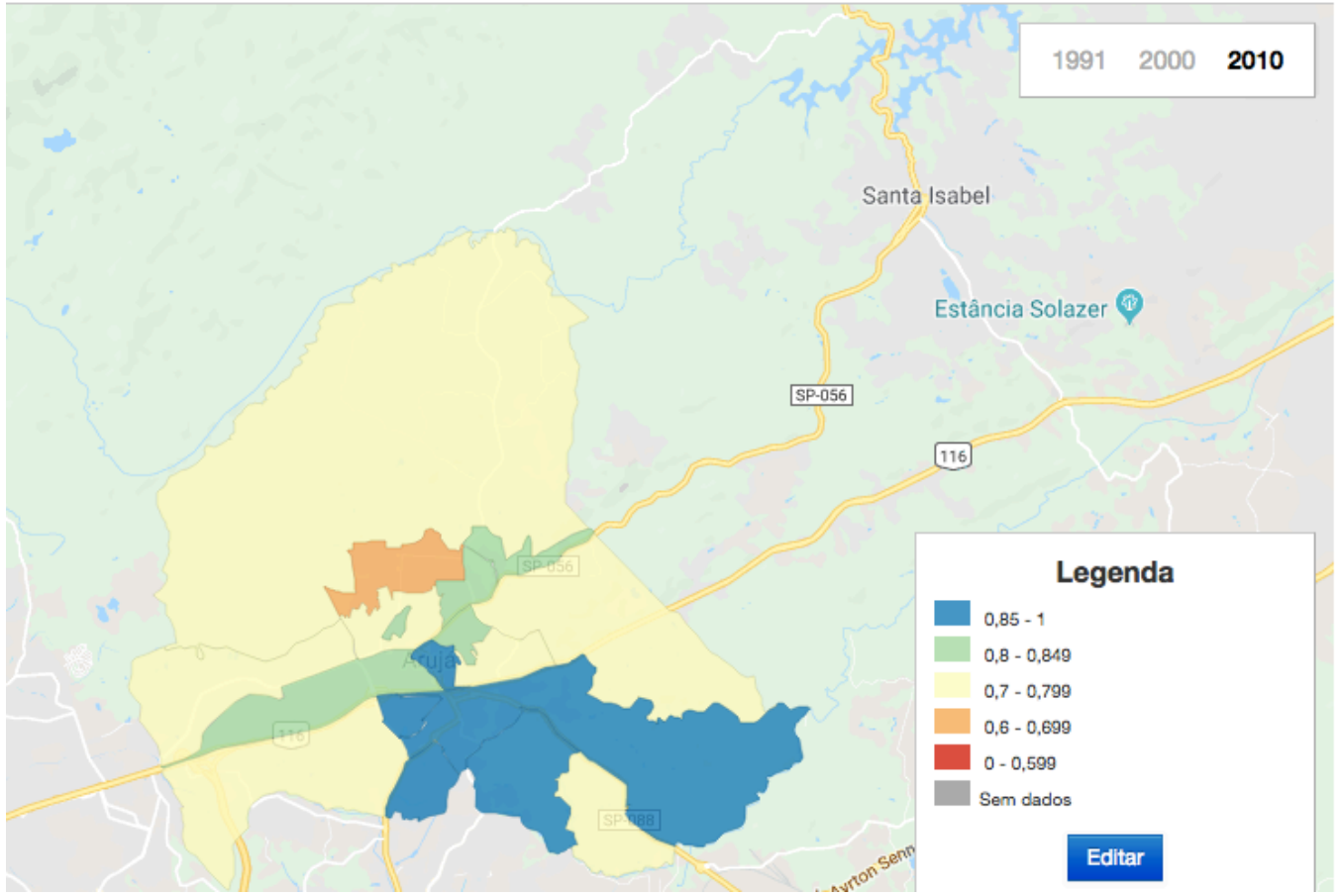
Mapa / Município
IDHM



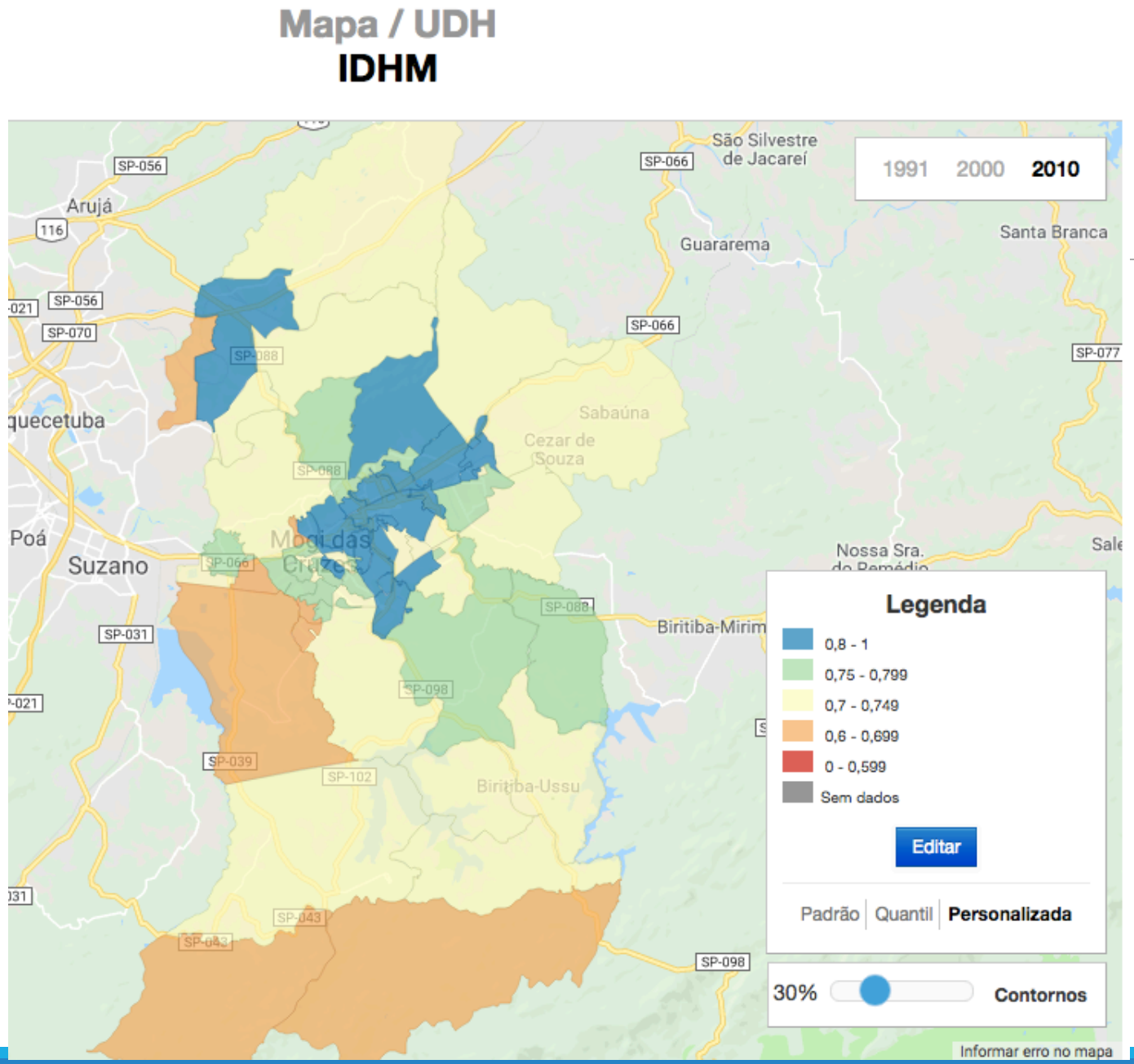
	CIDADE	IDHM 2010
1	Biritiba-Mirim	0,712
2	Itaquaquecetuba	0,714
3	Guararema	0,731
4	Salesópolis	0,732
5	Ferraz de Vasconcelos	0,738
6	Santa Isabel	0,738
7	Suzano	0,765
8	Poá	0,771
9	Mogi das Cruzes	0,783
10	Arujá	0,784
	Brasil	0,727

Mapa / UDH

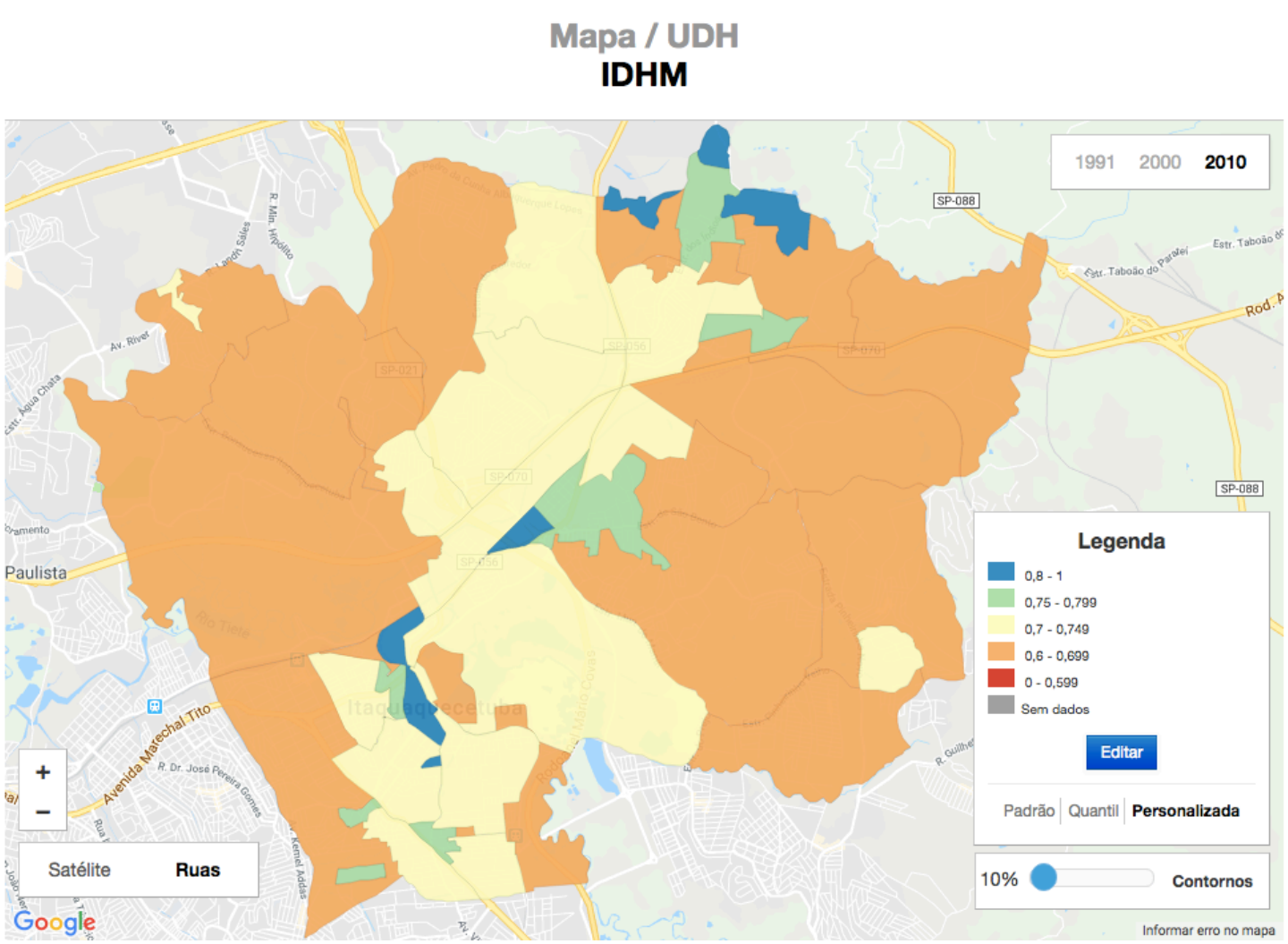
IDHM



ARUJÁ



MOGI DAS CRUZES

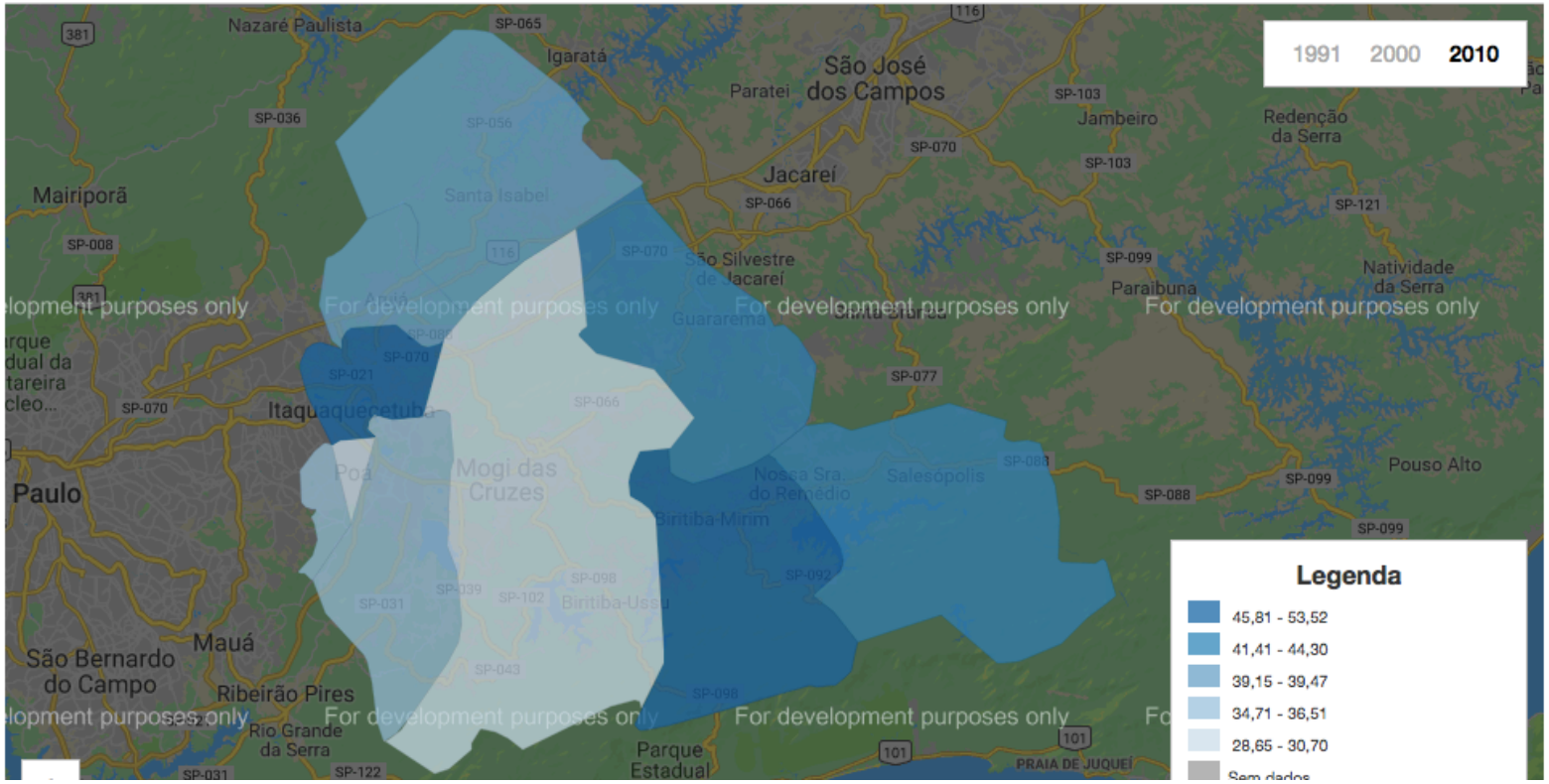


ITAQUAQUECETUBA

	CIDADE	% de mães chefes de família sem fundamental e com filho menor, no total de mães chefes de família 2010
1	Itaquaquecetuba	23,86
2	Biritiba-Mirim	17,92
3	Santa Isabel	17,44
4	Ferraz de Vasconcelos	17,13
5	Arujá	16,61
6	Guararema	16,38
7	Salesópolis	15,82
8	Suzano	15,14
9	Mogi das Cruzes	12,69
10	Poá	10,98
	Brasil	17,23

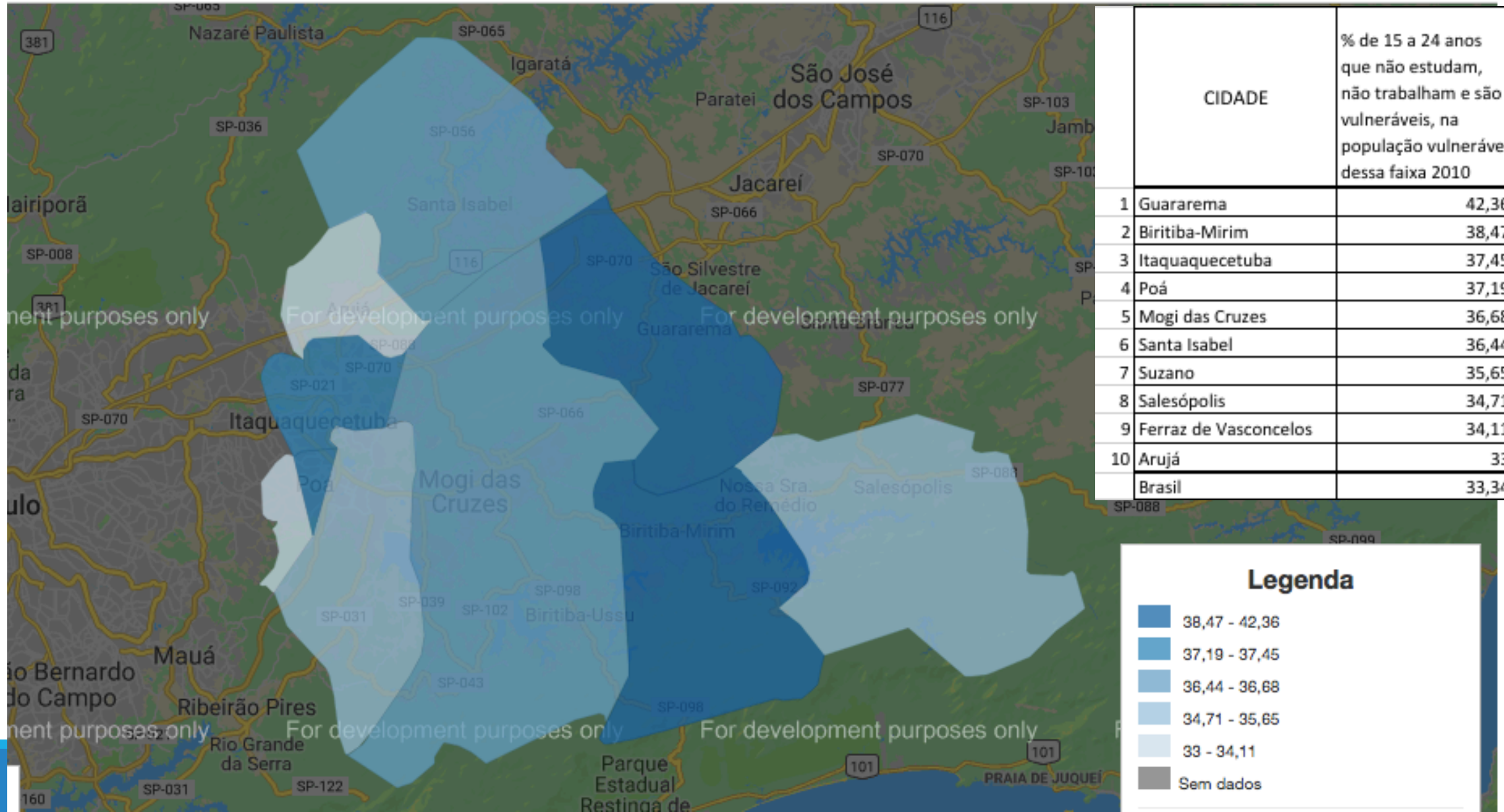
Mapa / Município

% de mães chefes de família sem fundamental e com filho menor, no total de mães chefes e com filho menor



Mapa / Município

% de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e são vulneráveis, na população vulnerável dessa faixa

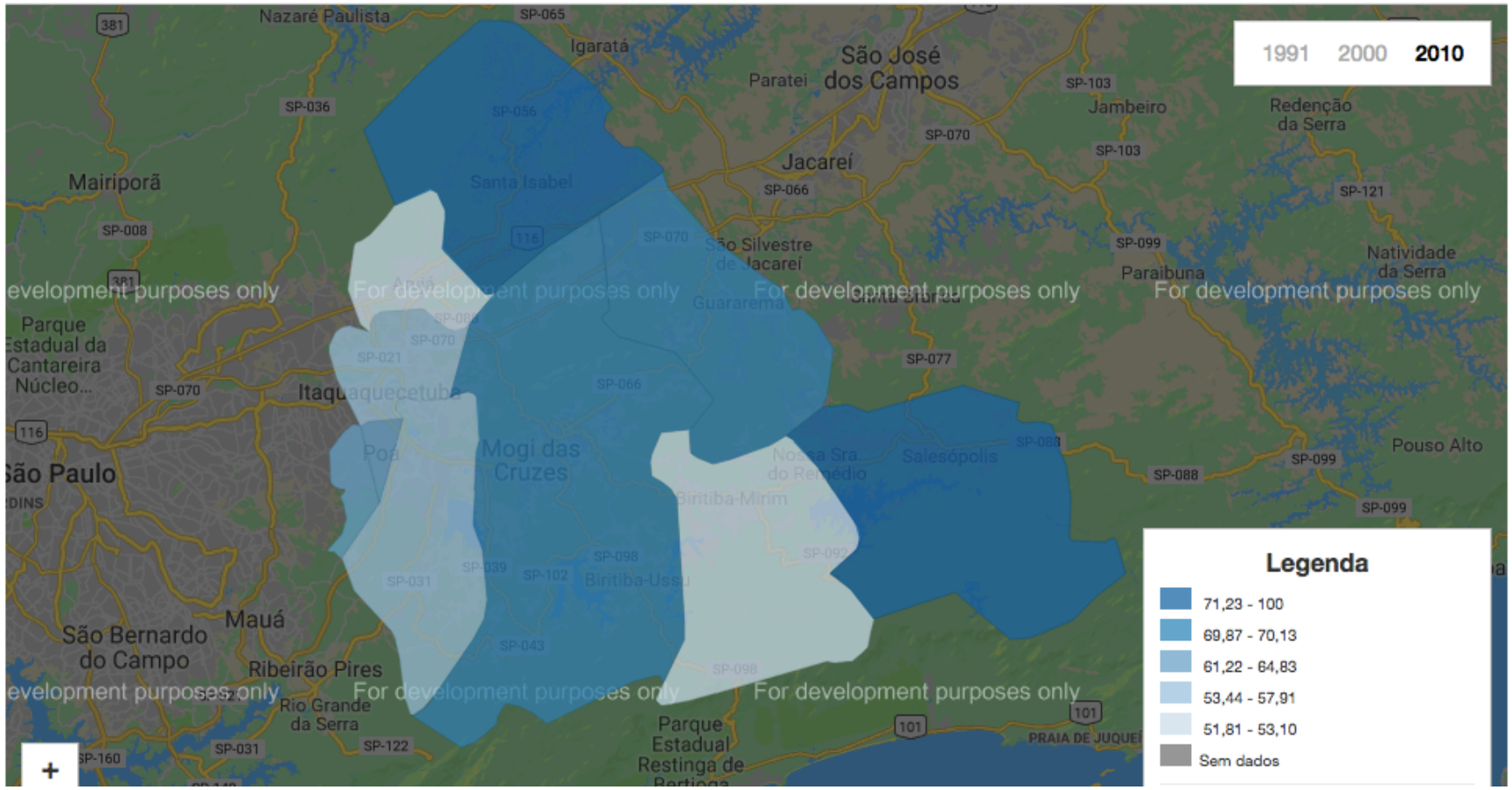


	CIDADE	% de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e são vulneráveis, na população vulnerável dessa faixa 2010
1	Guararema	42,36
2	Biritiba-Mirim	38,47
3	Itaquaquecetuba	37,45
4	Poá	37,19
5	Mogi das Cruzes	36,68
6	Santa Isabel	36,44
7	Suzano	35,65
8	Salesópolis	34,71
9	Ferraz de Vasconcelos	34,11
10	Arujá	33
	Brasil	33,34

	CIDADE	% de vulneráveis e dependentes de idosos, no total de vulneráveis que coabitam com idosos. 2010
1	Santa Isabel	100
2	Salesópolis	71,23
3	Mogi das Cruzes	70,13
4	Guararema	69,87
5	Ferraz de Vasconcelos	64,83
6	Poá	61,22
7	Itaquaquecetuba	57,91
8	Suzano	53,44
9	Biritiba-Mirim	53,1
10	Arujá	51,81
	Brasil	69,08

Mapa / Município

% de vulneráveis e dependentes de idosos, no total de vulneráveis que coabitam com idosos.



Vulnerabilidade Social - Município - Suzano - SP

Crianças e Jovens	1991	2000	2010
Mortalidade infantil	28,33	22,60	12,12
% de crianças de 0 a 5 anos fora da escola	-	85,14	58,00
% de crianças de 6 a 14 fora da escola	15,42	5,14	3,28
% de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e são vulneráveis, na população dessa faixa	-	12,51	8,92
% de mulheres de 10 a 17 anos que tiveram filhos	1,90	3,01	1,77
Taxa de atividade - 10 a 14 anos	-	7,24	5,94
Família			
% de mães chefes de família sem fundamental e com filho menor, no total de mães chefes de família	13,68	14,82	15,14
% de vulneráveis e dependentes de idosos	1,16	1,69	1,39
% de crianças extremamente pobres	5,17	7,72	3,66
Trabalho e Renda			
% de vulneráveis à pobreza	37,95	37,57	25,47
% de pessoas de 18 anos ou mais sem fundamental completo e em ocupação informal	-	42,95	29,01
Condição de Moradia			
% da população em domicílios com banheiro e água encanada	89,66	95,17	95,16

Fonte: PNUD, Ipea e FJP

Vulnerabilidade Social - Suzano

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Ajustado à renda do Trabalho e seus componentes - Município - Suzano - SP

IDHM e componentes	N/2000	B/2000	N/2010	B/2010
IDHM Educação	-	-	0,693	0,760
% de 18 anos ou mais com fundamental completo	-	-	57,37	65,42
% de 5 a 6 anos na escola	-	-	92,22	93,76
% de 11 a 13 anos nos anos finais do fundamental REGULAR SERIADO ou com fundamental completo	-	-	93,37	94,67
% de 15 a 17 anos com fundamental completo	-	-	69,14	77,82
% de 18 a 20 anos com médio completo	-	-	50,11	61,45
IDHM Longevidade	-	-	0,868	0,879
Esperança de vida ao nascer	-	-	77,07	77,71
IDHM Renda	-	-	0,665	0,730
Renda per capita	-	-	502,79	753,43

Fonte: PNUD, Ipea e FJP

Longevidade, mortalidade e

Desigualdade de cor - Suzano

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Ajustado à renda do Trabalho e seus componentes - Município - Suzano - SP

IDHM e componentes	M/2000	H/2000	M/2010	H/2010
IDHM Educação	-	-	0,750	0,731
% de 18 anos ou mais com fundamental completo	-	-	61,62	61,99
% de 5 a 6 anos na escola	-	-	93,23	92,93
% de 11 a 13 anos nos anos finais do fundamental REGULAR SERIADO ou com fundamental completo	-	-	95,92	94,08
% de 15 a 17 anos com fundamental completo	-	-	78,92	73,64
% de 18 a 20 anos com médio completo	-	-	62,60	56,59
IDHM Longevidade	-	-	0,930	0,816
Esperança de vida ao nascer	-	-	80,80	73,94
IDHM Ajustado Renda	-	-	0,599	0,785
Rendimento médio dos ocupados - 18 anos ou mais	-	-	940,71	1.328,64

Desigualdade de genero - Suzano

Território e clima voltam a emergir como necessários à compreensão do processo saúde-doença e são objeto da Geografia da Saúde

Comunicação e Saúde desde 1982 • www.ensp.fiocruz.br/radis
Nº138 – MAR 2014
RADIS

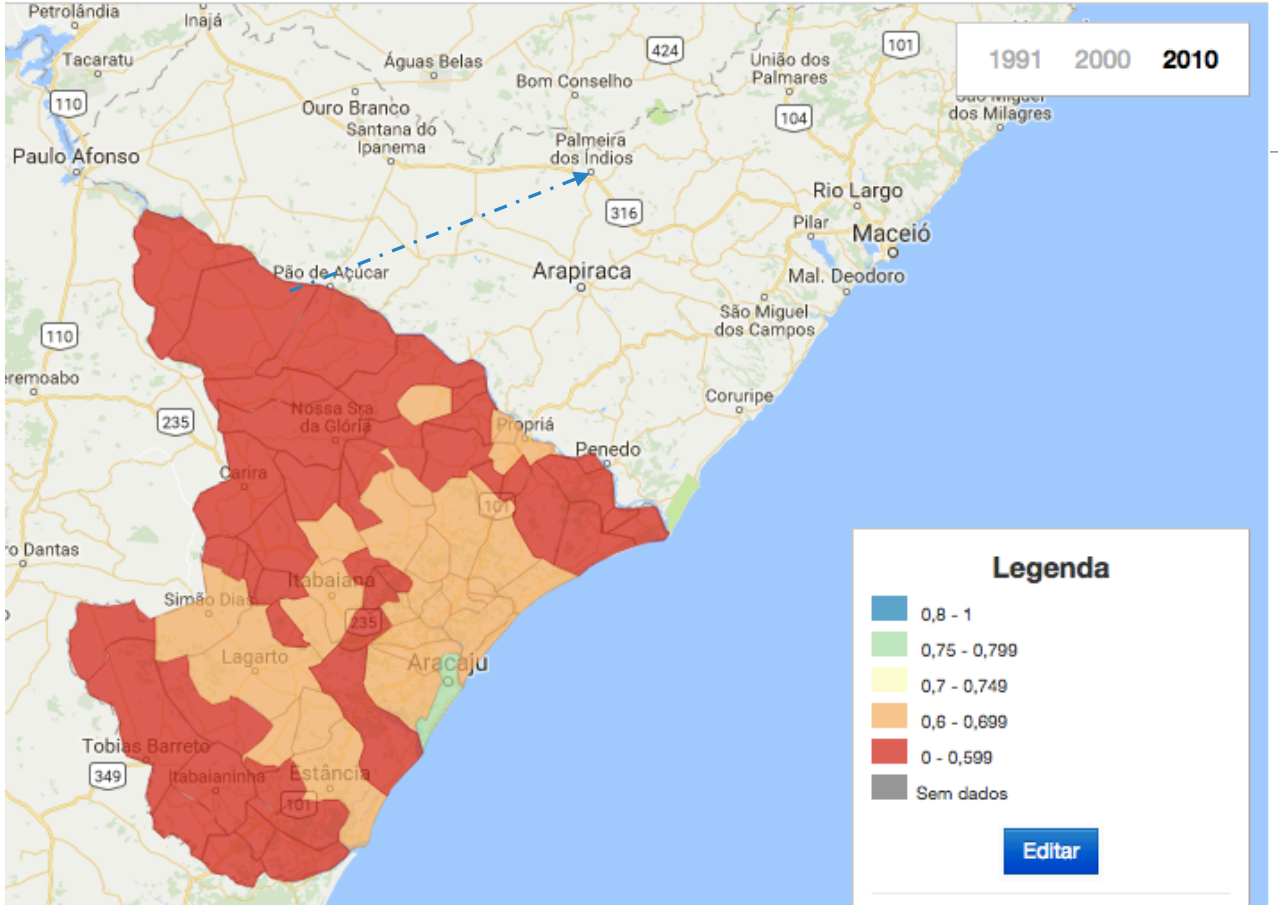
Christovam Barcellos

"Um dos principais símbolos da ciência, hoje, são microscópios, diagnósticos de imagem, formas de enxergar cada vez mais de perto ou por dentro os problemas de saúde. Nós fazemos o contrário; nos afastamos dos objetos para enxergá-los dentro do seu contexto. Não há demérito nisso", diz o geógrafo.

A Vigilância Socioassistencial entre: diagnóstico e prevenção

Em 2013, um surto de diarreia matou mais de 50 pessoas em Alagoas. Os óbitos aconteceram em municípios atingidos sistematicamente pela seca, com problemas crônicos de desabastecimento de água. Para o geógrafo Christovam Barcellos, do Laboratório de Informação em Saúde (LIS/Icict/Fiocruz), com um mapa climático da região seria possível observar que o número de casos da doença poderia aumentar. "Um surto como esse é perfeitamente previsível. Fica difícil, para as autoridades, dizer que não se sabia o que estava acontecendo", afirma.

Mapa / Município
IDHM



Jornal Nacional - Edição do dia 02/08/2013

02/08/2013 21h35 - Atualizado em 02/08/2013 21h35

Uma epidemia de diarreia em Alagoas matou, desde maio, 51 pessoas. A água distribuída por carros-pipa clandestinos pode ser uma das principais causas.

É das águas do Rio São Francisco, em Pão de Açúcar, que partem os carros pipa para abastecer as cidades no sertão de Alagoas. O exército fiscaliza, mas a ferrugem nos tanques é uma ameaça.

“Porque o ferrugem vai corroendo ali com a água e vai pegando aquele gosto ruim, e aquilo ali não deixa de ser uma contaminação”, diz o motorista Benedito Alves de Oliveira.

A epidemia de diarreia já atinge 16 municípios alagoanos e 86 cidades de Pernambuco. Só em Alagoas, do inicio de 2013 até hoje, são mais de 81 mil pessoas com sintomas da doença - a maioria crianças e idosos.

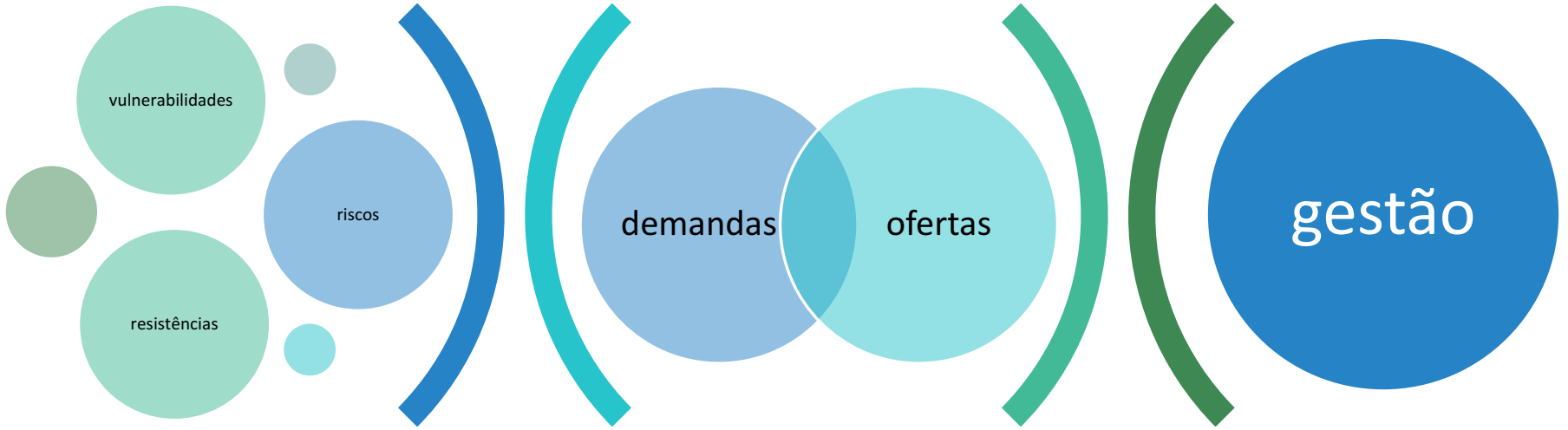
Em um povoado, o carro pipa abastece a cisterna - onde a água é consumida sem tratamento.

“A gente usa para limpeza da casa, para beber, para cozinhar, tomar banho, tudo”, diz a dona de casa Maria Célia da Silva.

Palmeira dos Índios, na Região Agreste do estado, registra o maior número de casos da doença.

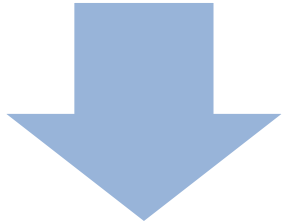
E O MAPA DAS TERRITORIALIDADES ?

Desafio da Vigilancia Socioassistencial: capacidade preventiva



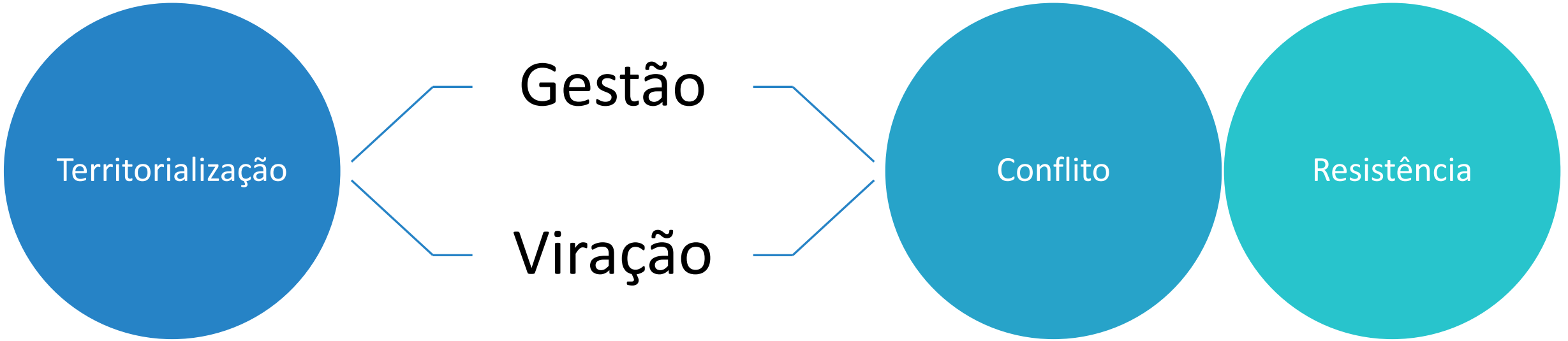
A Vigilância Socioassistencial entre:

Grandes números



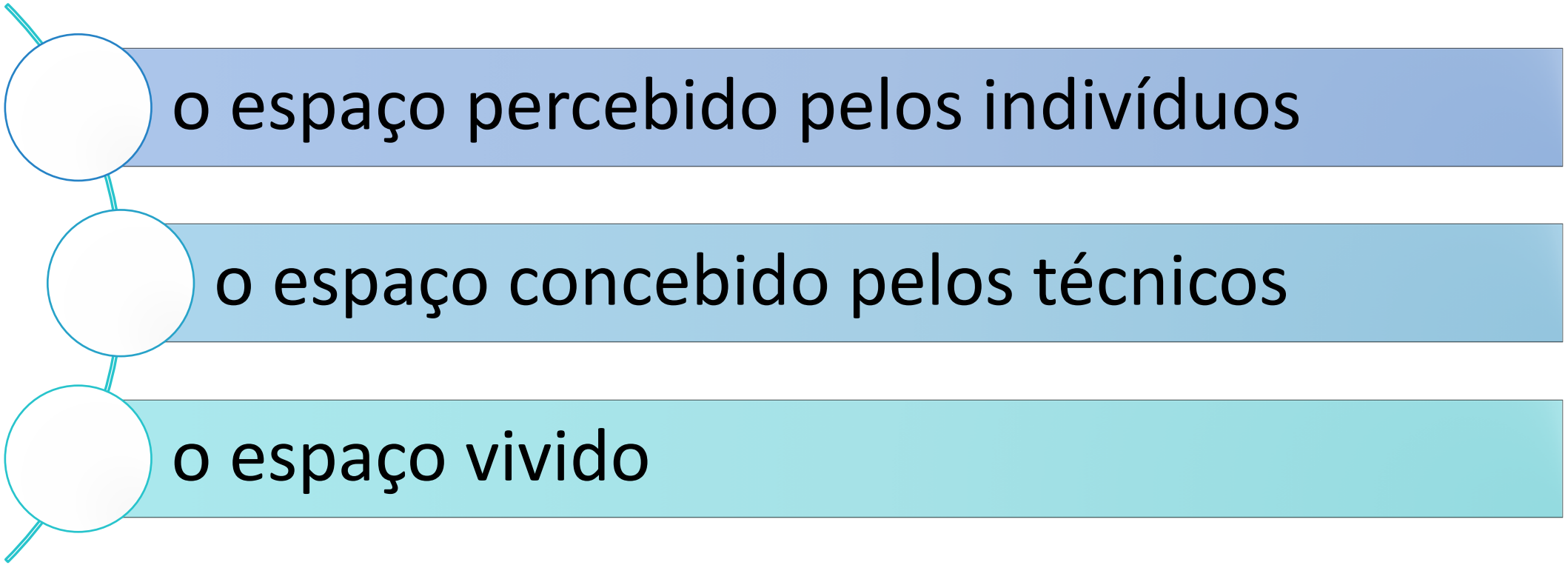
Números miúdos

Escala do Cotidiano – de quem faz acontecer



Eliana Sousa: pedagoga, doutora em Serviço Social, da favela da Maré

- Entendo, ao contrário, que é fundamental a pluralidade de olhares sobre as vivências e práticas produzidas no mundo social, em todos os níveis. Isso inclui, necessariamente, os intelectuais das periferias e favelas. Ainda temos, porém, no mundo academico do Rio de Janeiro – a afirmação é extensiva a todo o Brasil – uma presença insuficiente do olhar-autor, olhar-sujeito, de atores desses espaços sociais, sobre o seu mundo e sobre o conjunto de sua realidade social. (Testemunhos da Maré, p.28)



Henri Lefevre

Caderno nacional – item 3.3.

Observe que **os serviços devem ser consumidores das informações processadas ou produzidas pela área de vigilância socioassistencial**, que deve, para cumprir seus objetivos, fornecer aos serviços informações estruturadas que contribuam para que eles avaliem sua própria atuação, ampliem seu conhecimento sobre as características da população e do território de forma a melhor atender às necessidades e demandas existentes e, ainda, planejem e executem ações de busca ativa que assegurem a oferta de serviços e benefícios às famílias e aos indivíduos mais vulneráveis, superando a atuação pautada exclusivamente pela demanda espontânea.

ATENÇÃO

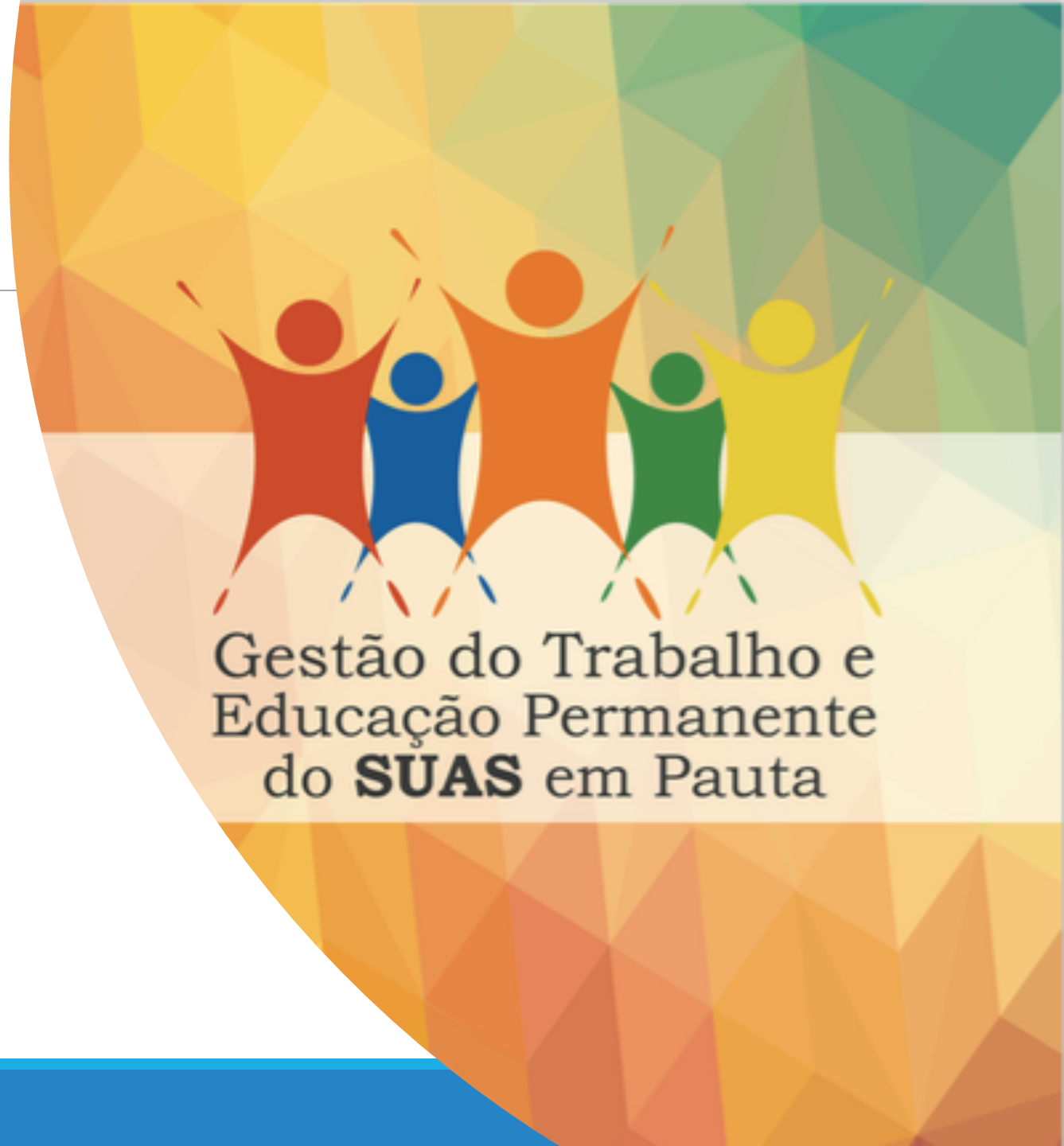
A informação registrada tem que ter sentido e utilidade para quem registra.

Porém, entendemos que o caráter pedagógico pretendido na Vigilância Socioassistencial implica em ultrapassar o caráter administrativo da produção de informações da gestão, para não se correr o risco de excessiva centralização em uma só área ou em determinadas áreas, que se colocam como especialistas de suas informações. Por isso, a implementação da Vigilância Socioassistencial envolve também alterações na cultura de informação, ainda muito presente, como mecanismo de dominação de uma área sobre outras áreas. Esta tarefa, implícita na função da Vigilância Socioassistencial, necessita ser conectada à perspectiva da **informação como campo de construção coletiva do conhecimento.** É nesse sentido que a Vigilância Socioassistencial se articula à Gestão do Trabalho (e à Política Nacional de Educação Permanente do SUAS), pois ambas se encontram destinadas a este movimento de ruptura em relação ao campo da produção de informação como privilégio, para se alcançar novas perspectivas fundamentadas na condição de que os trabalhadores do SUAS são sujeitos nesse processo coletivo de construção do conhecimento, conforme a professora Maria Carmelita Yazbek afirma:

Caderno de orientações: sentidos e caminhos da vigilancia socioassistencial em MG

Trabalhadores do SUAS – sujeitos da Educação Permanente

Neste sentido, traz a exigência de que os trabalhadores da Assistência Social sejam sujeitos de sua própria educação e não objeto dela. Portanto, sujeitos ativos na construção de seu conhecimento, responsabilizando-se por sua educação, procurando meios que levem ao seu crescimento e aperfeiçoamento de sua ação. Estamos assim diante de um processo dinâmico e contínuo que permite o desenvolvimento do pensamento livre e da consciência crítico-reflexiva comprometida com a ação. (YAZBEK, 2014: p.134)



Gestão das políticas sociais: em múltiplas escalas, intersetorial e com os pés no chão

A ideia de que a gestão da cidade deve ocorrer em diferentes escalas e proporcionar múltiplas conexões ainda não está suficientemente incorporada. Aparentemente, ainda não se notou que nenhuma das políticas sociais conseguirá, sozinha, reverter a precarização das condições de vida nos territórios mais degradados da cidade.

(SPOSATI, Aldaiza. In SPOSATI & KOGA, 2013:p. 38)

"Se o que queremos é ter a cabeça alerta, o espírito afiado e a caneta preparada, então é necessário voltar a usar os pés."

(Fabricio Caivano, inspirado no geógrafo Paul Vila)

Foto: Sebastião Salgado

Eliana Sousa – Redes da Maré

Ao olharmos uma porção específica na cidade do Rio — as 16 favelas da Maré —, nos deparamos com um quadro que ilustra bem o estado crítico de violência. Os dados de 2017 sobre confrontos armados na região sistematizados no Boletim pelo Direito à Segurança Pública na Maré, elaborado pela Redes da Maré, são os seguintes: ano passado houve 42 homicídios e 57 feridos. Os conflitos fizeram com que **escolas fechassem 35 dias; os postos de saúde deixaram de funcionar 45.** Diante deste apanhado, é impossível deixar de perceber que os moradores de favelas e periferias têm sido expostos a um nível de sofrimento e desrespeito que precisa ter fim.

Eliana Sousa – Redes da Maré

- Se fizéssemos a cartografia dos homicídios no Rio, iríamos identificar que os quase 6,2 mil homicídios ao ano acontecem nas áreas consideradas periféricas. É nessas circunstâncias que identificamos, infelizmente, que a política de segurança pública no estado é pautada pela ideia de que vivemos uma guerra e, portanto, há um exército inimigo: os moradores de favelas e periferias. É inegável que os agentes da segurança pública não fazem distinção entre a população que reside nessas áreas e pessoas que estão em atividades ilícitas, atuando, em algumas situações, em grupos armados.

Livro Tem saída? Ensaios críticos sobre o Brasil, dezembro 2017

Ainda que essa realidade das desigualdades, que pavimenta a história brasileira, tenha maior impacto em toda a periferia, principalmente nas favelas, as mulheres desse amplo território não são marcadas pela carência, como aparece no discurso predominante da imprensa e do poder hegemônico. Assumiram papel de centralidade de ações criativas e de conquistas de políticas do Estado que atuaram no caminho inverso das desigualdades, ampliando direitos em várias dimensões humanas. Conquistaram, assim, alterações em seus territórios com força para disputar, na cidade, novas localizações no imaginário popular e para as relações humanas. (Marielle Franco, p.91)